



## O AMIGO LEAL

*Falávamos de afeto e ligações humanas,  
Destacando uniões formosas e ideais,  
Tanto quanto anotando atitudes insanas  
Que, muita vez, transpiram  
De casos passionais,  
Quando um amigo afável e sizudo,  
Que nos seguia o estudo,  
Exclamou para nós, de modo convincente:*

*— Tudo quanto dizeis é verdade inconteste  
Sobre os entes queridos que lembrais,  
Entretanto, igualmente,  
Se falamos de amor, é preciso se ateste  
O amor dos animais.*

*E como se tivesse ali, de lado,  
O passado recente,  
Contou, emocionado:  
— Em minhas lides de engenheiro,  
Fui, certa vez, designado  
Para serviços na fronteira;  
Levei comigo a companheira,  
O pequeno filhinho, —*



— um garoto de aninho, —  
E o nosso velho cão policial  
Que recebera, em nossa companhia,  
O nome de Leal.  
No trabalho incessante em que me via,  
Fosse qual fosse o ambiente,  
Possuía em Leal o cão valente  
Que nos guardava a casa, dia-a-dia;  
Ensinei-o a velar por nosso pequenino  
E dedicou-se o cão, de tal maneira,  
Que mantinha atenção, semana inteira,  
Entre a porta do quarto e o berço do menino.  
Morávamos, então, no agreste bravo...  
Achavam-se, não longe, algumas feras;  
Era o lobo e, além dele, era o jaguar,  
A rondarem malocas e taperas...  
Necessário, porém, agir e trabalhar,  
Orientando a agrimensura.  
Tinha sempre dois homens, de vigia,  
Na defesa do lar,  
Junto de atenciosa governanta.  
Minha esposa saía  
Algumas vezes para compras justas,  
Usando o nosso jipe reforçado  
Para atingir pequeno povoado...

O narrador fez pausa e tornou, em seguida,  
Expressando-se em voz mais comovida:  
— Certo dia de ação com mais ampla demora,  
Voltei ao lar, mais tarde... Noite escura...  
Ausentara-se a esposa e a governanta  
Atendia, em conversa, um tanto lá por fora,  
A diversos parentes  
Que, por certo, lhe vinham à procura...  
Os vigias andavam pela brenha  
Buscando para nós

Alguns feixes de lenha...  
Acompanhado de um amigo,  
Ansioso, ouvi a voz  
De meu filhinho em algazarra...  
Naquele choro de pavor,  
Pressentia perigo  
Francamente, a gelar-me...  
Em vão, tentei fazer qualquer alarme;  
O companheiro me seguia,  
Enquanto, em minha inquietação,  
Só escutava a gritaria  
Do filhinho a cortar-me o coração...  
Varei a porta aberta  
Da habitação que vi claramente deserta...  
Foi, então, que a tremer, desorientado,  
Vi o cão a correr para junto de nós;  
Leal se nos mostrava, ensanguentado...  
Mancando, ele gania,  
Não sei se de loucura ou de agonia...

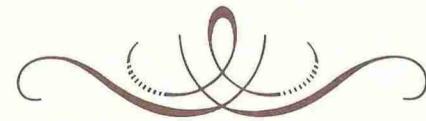
O companheiro disse a mim:  
— O cão está zangado, dê-lhe o fim,  
É preciso afastá-lo, sem tardança,  
Deve ter atacado a indefesa criança.

Tomado de terror, atirei sobre o cão,  
E, ganhando os recessos do aposento,  
Vi meu filhinho salvo, aconchegado ao leito,  
Sem qualquer sofrimento,  
Mas um jaguar jazia, ali no chão,  
Certamente abatido por Leal.  
O cão, com segurança e eficiência,  
Liquidara, afinal,  
A fera perigosa  
Que penetrara em nossa residência.

Com meu filho nos braços  
Retornei à presença de meu cão;  
Ansiava mostrar-lhe a nossa gratidão,  
Mas Leal enviou-me um derradeiro olhar...  
Sufocado de dor, nada pude falar.  
No instante de morrer, no terrível revés,  
Leal ainda arrastou-se com cuidado  
Para beijar-me os pés!...

Calou-se o narrador,  
Sob o peso cruel da própria dor.  
Depois, disse a chorar:  
— Neste Infinito Espaço em que habitamos,  
Deve haver um lugar  
Que acolha os animais,  
Amigos quase humanos,  
Em plena evolução, à busca de outros planos...  
Sempre aceitei os cães por nossos círeneus,  
Os animais também são criaturas de Deus...  
  
Aquela história viva,  
Que ouvíramos, ali, de ânimo atento,  
Fez o ponto final de nosso entendimento.

No entanto, o companheiro,  
Que nos falava de Leal,  
Fitava o Azul Imenso, a Pátria Universal,  
E, qual se transmitisse um sublime recado  
Ao próprio coração,  
Clamava, consternado:  
— Deus não me negará resposta à constante oração...  
Hei de achar o meu cão!... Hei de achar o meu cão!...



14

## DE MÃOS UNIDAS

Não temas, alma querida!...  
O vendaval que se escuta  
É a Terra que vibra em luta  
Nos dias de transição...  
Prosegue, ao clarão da fé,  
Varando os campos sombrios  
E os tremendos desafios  
Que agitam a multidão.

Aqui se fala de guerra,  
Ali, é ódio avançando,  
Além, as provas em bando  
Arrancam duro clamor!...  
Entretanto, continua  
De ânimo firme e atento,  
Plantando, em cada momento,  
A paz que precede o amor.

Sê o ouvido em que se extingue  
A gritaria do insulto,  
A força do braço oculto  
Que serve sem reclamar...  
Sê a palavra calmante